



Um lance do destino

Quem podia estar ligando tão cedo? Na esperança de que fosse uma sereia, Roger Sawyer teve a maior surpresa quando uma mulher muito zangada o acusou de não comparecer a um encontro com seus filhos. O caso era que ele não tinha filhos! E a mulher desligou sem saber que havia discado o número errado!

Divorciada e mãe, Noelle Chandler podia ter se enganado de número, mas certamente atingiu o homem certo. Alto, moreno e atraente, o caubói que compareceu ao encontro era tudo que uma mulher podia sonhar!

A garota que eu amo

Ross Forbes havia pago seus débitos e trabalhava duro para o homem que lhe dera uma segunda chance. Ser grato, porém, não significava trocar beijos com a linda filha do patrão. Embora Ross desejasse ter Glória Roberts para si, sabia que seu passado imperdoável nunca permitiria que conhecesse o amor.

Glória havia concretizado seu sonho de voltar ao rancho do pai para exercer sua profissão de veterinária. Mas sua felicidade nunca seria completa se um lindo e taciturno caubói não admitisse a paixão que os atraía um para o outro...

**DISPONIBILIZAÇÃO: MACCAYRES; DIGITALIZAÇÃO; MARINA:
REVISÃO: MARINA; EDNA**



Um lance do destino

Capítulo I´

O toque insistente do telefone impediu que Roger Sawyer continuasse a desfrutar de seu doce e merecido sono. O forte ruído se instalou em algum recesso de sua mente entorpecida, mas ele não conseguiu mover os ossos cansados o suficiente para fazê-lo parar.

Em vez disso, afundou a cabeça sob o travesseiro e torceu para que a pessoa voltasse a ligar mais tarde. Mas ela não parecia disposta a desistir e o som persistiu. Ele estendeu o braço, então, e grunhiu ao aparelho, a voz mais rouca do que o normal.

— Alô?

— Seu irresponsável! — xingou uma voz de mulher. — Como se atreve a ficar dormindo? Como pode ser tão egoísta?

— Como? — Roger esfregou os olhos, sonolento demais para entender que estava sendo insultado. Que início de dia! Em geral não inspirava tanta raiva nas mulheres. Quem poderia ser ela?

A mulher não parava com seus ataques verbais. A orelha de Roger chegou a doer.

— Está me escutando?

Ele tentou se recordar do que poderia ter feito para provocar uma explosão tão amarga.

— Seria um pouco difícil não fazer isso, senhora. Metade do condado de Oklahoma deve estar ouvindo. A propósito, quem está falando?

— Você sabe muito bem, seu imprestável! Como se atreveu a quebrar sua promessa? Outra vez?

O comentário foi a primeira pista de que a mulher estava atacando o inimigo errado. Seguindo uma regra pessoal, que se impusera desde muito jovem, Roger não fazia promessas e muito menos as quebrava. Seus negócios eram sempre honrados. Sua palavra valia mais do que qualquer promessa vazia como as que lhe haviam feito, quando criança. A ele e ao irmão caçula Riley.

— Estou farta — a mulher murmurou, por fim. — Faz ideia do quanto seus filhos estão desapontados?

Filhos?

— Espere um instante — Roger tentou esclarecer o mal-entendido, mas ela não lhe deu chance.

— Esperar? Essa é boa! O que mais acha que os meninos e eu temos feito? E a troco de quê?

— Bem, eu...

— Não precisa se dar ao trabalho de responder. Para começar, sua palavra não vale nada. Ouça apenas. Já basta que não me ajude a sustentar seus próprios filhos. Qualquer homem com um mínimo de decência se preocuparia com o bem-estar deles. Mas o que realmente me mortifica é a sua preguiça e o

seu descaso. E preciso tanto esforço assim para vê-los com certa regularidade? Estou pedindo demais?

— Senhora...

— Eu disse para você apenas escutar!

Roger sorriu. Bastaria ele colocar o telefone no gancho para se livrar dos impropérios. Mas não o fez. Apesar de não ter nada a ver com aquela história, estava começando a se interessar pelo pequeno melodrama.

— Está me ouvindo?

— Sim, senhora, eu...

— Quero que se levante imediatamente dessa cama e leve Dusty e Danny ao zoológico conforme prometeu. Encontre-nos na frente da jaula do gorila em uma hora. Se não comparecer, prepare-se porque não me sentirei responsável pelo que possa lhe acontecer.

Com aquela ameaça final, a mulher misteriosa bateu o telefone. Roger desligou e voltou a afundar a cabeça no travesseiro.

— Que mulher louca!

Eram dez e trinta no relógio do criado-mudo. Ele havia dormido menos de duas horas após passar a noite toda de pé, obrigando um cavalo doente a andar. O sol já estava alto quando teve certeza de que o valioso animal achava-se fora de perigo e que poderia ser deixado aos cuidados de um dos empregados.

Estava fazendo muito calor para o primeiro dia de maio. Mas, apesar do sol brilhante e do céu azul, Roger não tinha disposição para se levantar. O melhor que tinha a fazer era descansar e esquecer o episódio.

Virou-se de um lado para o outro várias vezes sem conseguir voltar a dormir. A voz furiosa da mulher ecoava em seus ouvidos. Mas a impressão que tivera fora diferente. Como se não fosse do feitio dela perder o controle, mesmo quando o motivo era mais do que justo.

Um ou outro instante pensara que ela fosse chorar. Deveria ter feito isso assim que desligou. Talvez ainda chorasse sem ter ninguém para confortá-la enquanto via os meninos na janela, à espera de um pai que nunca chegava. Como ela seria?

Droga. Desde quando era homem de dar asas à imaginação? E desde quando as lágrimas de uma mulher e o desapontamento de crianças desconhecidas lhe diziam respeito? Talvez não fosse justo eles sofrerem ainda tão pequenos, mas ele também crescera ouvindo as assistentes sociais dizerem que a vida nem sempre era justa.

O desapontamento certamente não era fatal. Ele e Riley eram provas disso.

Conseguira superar a maioria dos problemas, mas e o irmão? Sua ex-cunhada o destruíra no processo de divórcio. Riley nunca fora de beber antes de Candi lhe tirar todos os bens. Agora, ele era um homem sem dinheiro e sem autoestima.

Generoso demais, Riley havia dado à mulher tudo o que ela queria. Até mesmo Cimarron entrara no processo. Para ajudar o irmão, Roger tivera de hipotecar a fazenda. Mas nem assim Candi ficou satisfeita. Era com a maior dificuldade que Riley conseguia ver os filhos. A cunhada provavelmente não desistiria enquanto não destruísse Riley por completo.

Mas isso não aconteceria. Não se dependesse dele. Havia jurado salvar o irmão de qualquer maneira.

Quando fechou os olhos, Roger pensou novamente nos meninos. A mãe os havia chamado de Dusty e Danny. Comparou-se a eles. Sabia o que significava ter um pai que não cumpria suas promessas.

Virou-se de bruços e tornou a afundar a cabeça sob o travesseiro. Não que precisasse do silêncio. O único som no quarto escuro vinha do ventilador de teto. Mandara instalar um em cada cômodo da casa. Detestava ar-condicionado. Bastava o que tinha de suportar nos hotéis. Na sua profissão de treinar cavalos de corrida, por todo o país, viajava com muita frequência.

Não demorou muito até ele descobrir que não conseguiria mais dormir. Por que não esquecia, de uma vez, que a ligação havia acontecido?

Continuou deitado mais alguns minutos. Depois empurrou o lençol. Sem saber muito bem o que queria fazer, levantou-se e vestiu seu velho jeans desbotado e uma camisa xadrez azul clara.

Enquanto calçava as botas, Roger praguejou. Por que tinha de ser tão humano? Por que não podia esquecer que a mulher e as crianças estavam no zoológico a sua espera? Teria de ir até lá e explicar, ou seu dia estaria perdido.

Seria um imenso desperdício de tempo, mas sua consciência ficaria em paz.

Procurou o capataz e informou que teria de sair. Enquanto atravessava o pátio, cumprimentou Bobber Smith, um velho caubói que se recusava a se aposentar. O homem gostava tanto de flores e plantas e era tão amigo que decidiu conservá-lo em sua folha de pagamento, pelo período que ele desejasse.

Entrou no celeiro principal e admirou-o, como sempre acontecia. Os estábulos de Cimarron haviam adquirido a reputação invejável de serem os melhores e mais modernos do circuito. O objetivo de Roger era torná-lo indiscutivelmente o melhor entre todos.

Trabalhara duro para chegar aonde chegara, mas reconhecia que não fora apenas o trabalho que o tornara a pessoa que era. Dub Roberts, seu pai adotivo, era o maior responsável. Ele e a esposa Ruby. Quando não tinham mais com quem contar, nem o orfanato, Riley e Roger foram recebidos de braços abertos pelo casal. E aprenderam o significado do amor, da estabilidade e do amor próprio.

Roger não sabia nada sobre cavalos quando chegou à Fazenda Fênix, mas aprendeu rápido, principalmente para agradar Dub. Aos dez anos, era aprendiz de cavaleiro; aos vinte, um treinador experiente. Graças a Dub, ele agora contava com seu próprio rancho, onde alojava e treinava as melhores raças de cavalos, para seus ricos proprietários.

Tivera sorte. Os cavalos que treinava eram sempre elogiados e seus serviços eram muito requisitados. A cada dia, ele chegava mais perto de concretizar seu sonho.

Apesar do sucesso, Roger não vivia uma vida de grandes gastos e confortos. A maior parte do seu dinheiro era reinvestida nos negócios. As armadilhas da boa vida não o seduziam. Preferia a simplicidade. Sua única fraqueza era viajar de primeira classe.

Era conhecido como um "bom patrão". Seus empregados eram leais e competentes. Desempenhavam suas tarefas sem que ele precisasse supervisioná-los. Durante suas frequentes ausências, tocavam o rancho sem qualquer problema.

Os donos dos cavalos, a maioria médicos, advogados e atletas, todos muito ricos, confiavam-lhe seus investimentos. Respeitavam-no porque gostava dos animais e possuía uma habilidade inata para desenvolver as potencialidades de um cavalo.

Na baía, onde se encontrava o cavalo doente, Roger encontrou Billy Sixkiller.

— Como ele está passando? Preciso dar uma saída, mas se estiver precisando de mim, eu fico.

— Pode ir, patrão. Ele está bem.

— Aceito sua palavra, Billy. Se me dissesse que ele estava pronto para voar, eu começaria a preparar a máquina fotográfica.

— Então, o que está esperando para sair, patrão?

— Uma desculpa qualquer para não ir, eu acho.

— Aonde vai?

— Ao zoológico.

— Ao zoológico? — o homem estranhou.

— Sim. Algum problema?

— Claro que não. Você é quem manda.

— Ora, ora. Por que tenho a impressão de que você está zombando de mim?

O homem não respondeu, mas seu riso o acompanhou até a porta. O que poderia ter achado de engraçado? Poderia ter adivinhado o que estava se passando por sua cabeça?

Capítulo II

A raiva que Noelle Chandler havia demonstrado durante a conversa telefônica ainda continuava forte, vinte minutos depois, quando ela se dirigia ao jardim zoológico de Oklahoma.

Ainda bem que seus filhos, gêmeos de quatro anos de idade, não haviam percebido seu mau humor, tão entusiasmados estavam com a ideia de ver os gorilas.

Chegou no horário marcado, e não viu o ex-marido a sua espera.

— Esta foi a última gota! — murmurou consigo mesma. — Se ele não chegar em dez minutos, esquecerei que é o pai dos meus filhos e darei permissão a minha advogada para agir como ela queria desde o início.

Eve Franklin tinha o documento pronto contra Steve por falta do pagamento da pensão, há dezoito meses. No total, ele havia honrado a sentença do juiz por apenas seis meses.

A lei que regia sobre as pensões de crianças era rigorosa. A cada dia, mais advogados e juízes defendiam os direitos da família. Eve lhe garantia que Steve iria para a cadeia pela desobediência aos ditames da corte. Era inconcebível que, após dois anos de divórcio, ele houvesse preferido "esquecer" sua obrigação de zelar pelos filhos, por dezoito meses.

Em seu íntimo, Noelle não era uma pessoa vingativa. Dera mais chances a Steve; do que se poderia contar nos dedos. Não o processara pela falta

pagamento. Mas se ele insistisse em negar sua responsabilidade pelos garotos, e continuasse a quebrar as promessas que fazia, ela não teria mais dúvidas em mandá-lo para trás das grades. Algumas semanas de prisão o faria se arrepender por não ter encontrado tempo para os filhos em sua agenda.

— Olhe o macaquinho, mamãe! — Dusty chamou, ajoelhado na grama.

— Olhe o gorila, mamãe! — Foi a vez de Danny lhe chamar a atenção. — Ele é o pai?

— Acho que sim, querido.

Ela sentiu um nó na garganta. A família de gorilas parecia mais feliz do que a sua. Pobres crianças. Não era justo que tivessem um pai tão imprestável. Eles queriam tanto um pai a quem pudessem respeitar e amar e de quem pudessem seguir o exemplo.

Roger entrou no zoológico. Não conseguira pensar numa boa justificativa para dar à mulher do telefone quanto ao motivo de sua presença. Teria de confiar na sua espontaneidade. Isso, ou voltar para casa.

Aproximou-se da jaula dos gorilas e viu-a. Era loira, e os meninos, gêmeos. Naquele instante, ela consultou seu relógio de pulso e quando tornou a levantar a cabeça, os olhos azuis estavam faiscando.

Roger só conseguiu pensar que não gostaria de estar na pele de seu ex, quando ela finalmente o encontrasse. A mulher estava uma fera. Ainda havia tempo de ele desistir. Mais tarde ela descobriria por si só que falara com a pessoa errada.

Roger recuou alguns passos e tornou a fitá-la. Estava conversando com os meninos, obviamente na tentativa de distraí-los por causa da nova ausência do pai. Mas, por mais que Roger quisesse algo o impedia de se afastar. Talvez fosse o modo orgulhoso com que ela vasculhava a multidão. Ou a vulnerabilidade que lia em seus olhos. E uma mágoa que ela não merecia.

Gostou do jeito de ela andar e se mover, apesar da agitação. Não parecia do tipo que sangrava um homem até que ele secasse, como sua cunhada. Parecia doce e gentil. Quando riu de algo que um dos meninos dissera, seu rosto resplandeceu de beleza.

Ela tornou a olhar para a multidão e Roger sentiu vontade de bater no homem responsável por toda a tristeza que lia em seus olhos.

Contra todo o bom senso, sentiu-se atraído pela jovem. E as crianças lhe despertaram um forte instinto de proteção.

Antes que se desse conta do que fazia, encaminhou-se para ela, o chapéu entre as mãos, como Ruby o ensinara a fazer na presença de uma mulher.

— Bom dia, senhora. Meu nome é Roger Sawyer. Nós nos falamos há alguns minutos.

Ele sorriu um de seus sorrisos mais caprichados e estendeu a mão.

Noelle ficou tão perplexa com a abordagem, que puxou os dois meninos de encontro a si. Nunca imaginara que um homem alto e bonito pudesse escolher um zoológico para tentar uma conquista.

— Trata-se de um novo método? — ironizou. — Uma variação do antigo "não nos conhecemos de algum lugar"?

Roger pestanejou. Era difícil ser criticado quando se estava sendo o mais sincero possível.

— Não exatamente. A senhora telefonou para mim esta manhã, às dez e trinta.

A jovem ficou confusa e Roger aproveitou para observá-la. Os olhos eram de um azul intenso e os lábios carnudos pareciam pedir sorrisos.

— Foi um engano — ele continuou. — Foi a mim que a senhora intimou a comparecer diante da jaula do gorila.

— Oh, não — ela resmungou envergonhada.

— Oh, sim — Roger confirmou, sorrindo. — Só que não era comigo que a senhora desejava falar, certo? Mas com um homem imprestável e...

— Meu ex-marido — Noelle respondeu o rosto corado de embaraço.

— Foi o que deduzi. Não me deu nenhuma chance de corrigir o engano. Como desligou, eu resolvi vir aqui.

— Para quê? Para apontar meu erro?

Ele deu de ombros. Não conseguia pensar em um único bom motivo por ter vindo. Ela riu.

— Obrigada, senhor...

— Roger.

— Sr. Roger.

— Por favor, não me chame de senhor. Apenas Roger. Roger Sawyer.

Ela ignorou a tentativa de amizade.

— acredite ou não, Sr. Sawyer, este foi meu primeiro erro.

— Todos nós erramos alguma vez.

Roger fitou-a e se sentiu perdido naqueles olhos azuis. Parecia-lhe uma crueldade lembrar que ela havia errado muito mais quando se casara.

Sob o olhar do caubói, Noelle sentiu-se desconfortável. Se imaginasse que iria conhecê-lo, teria vestido seu jeans novo e uma blusa mais bonita.

— Acho que lhe devo desculpas por tê-lo tirado da cama. Sinto muito realmente.

Roger engoliu em seco. Era ele quem deveria pedir desculpa: por estar pensando em levá-la para a cama.

— Poderia ter acontecido com qualquer um. A senhora estava muito nervosa quando ligou.

— Para ser franca, eu havia ultrapassado o limite da tolerância. Seria capaz de matar naquele instante. — Ela se deteve e cogitou onde o caubói teria passado a noite para estar dormindo até tão tarde. Em seguida, estendeu a mão e se apresentou.

— Noelle Chandler.

— Noelle? Nasceu no dia de Natal? — Que observação brilhante! Roger praguejou consigo mesmo, enquanto soltava a mão da jovem e também se arrependia por isso. Não entendia a razão por que ainda não se afastara. Havia cumprido seu dever. E um cavalo doente o chamava de volta para o rancho.

— Vinte e cinco de dezembro.

Naquele instante, Roger sentiu algo lhe puxar a calça e olhou para ver o que era. Um dos garotinhos, de rosto redondo e cabelos muito loiros, fitava-o com olhos azuis curiosos.

— Ei, senhor, poderia me levantar para eu ver melhor o gorila?

— Eu também quero — disse o irmão. Roger se agachou.

— Em primeiro lugar preciso que me digam uma coisa. Como farei para distinguir vocês? Sabiam que são idênticos?

O que o puxara pela calça foi quem deu a explicação.

— Eu sou o Dusty e ele é o Danny. Não nos vestimos iguais. Dessa forma, o senhor só precisa se lembrar de que eu estou usando uma camisa azul e ele uma vermelha.

— Parece fácil, mas e se da próxima vez que os encontrar, ele estiver usando uma camisa azul e você uma vermelha?

Os dois levantaram os ombros e riram.

— Eles são gêmeos idênticos — Noelle contou —, mas é fácil distingui-los quando a gente os conhece.

Os meninos foram erguidos ao mesmo tempo e Roger os sentou um em cada ombro.

— Talvez para a senhora, senhora.

— Me faria um favor, Sr. Sawyer?

— Se puder.

— Pare de me chamar de senhora.

— Imediatamente, desde que pare de me chamar de Sr. Sawyer.

Os meninos tornaram a chamá-lo e os três se puseram a falar sobre os gorilas. Eram os animais favoritos de ambos, e, sempre que iam ao zoológico, passavam a maior parte do tempo diante daquela jaula.

Noelle aproveitou que ele estava distraído para observá-lo melhor.

A camisa xadrez moldava os ombros largos e fortes que sustentavam dois meninos sem o menor esforço. A pele era bronzeada e falava de alguém acostumado a trabalhar ao ar livre. Era óbvio que as botas de caubói não se reservavam apenas para as ocasiões de danças folclóricas.

Nos moldes de um caubói autêntico, ele usava um cinto largo na cintura e um chapéu com as abas puxadas sobre os olhos.

Os meninos voltaram para o chão quando Roger se ajoelhou. No movimento, os músculos das coxas se retesaram. Sem entender o porquê, Noelle precisou engolir em seco. Ou melhor, ela entendia. Era uma mulher normal e estava muito sozinha. E o homem parecia ter saído das páginas de um livro sobre a Idade Média. Era o próprio cavaleiro em uma armadura reluzente. Apenas o modernismo substituíra a armadura por uma calça jeans agarrada.

No entanto, apesar da perfeição física, ele não era arrogante nem convencido. Talvez nem percebesse o efeito que sua virilidade causava nas mulheres.

De repente, ela foi surpreendida enquanto o observava. O sorriso que ele lhe deu parecia perguntar se gostara do que vira.

Uma sensação de frio no estômago a fez descobrir que estava envergonhada. Fora apanhada em flagrante, afinal. Mas o modo com que ele também a examinou, desde o rosto até os seios, a fez mudar de opinião. Não era constrangimento. Era algo muito mais forte e primitivo.

Apesar do encontro pouco comum, Roger percebeu que Noelle o havia aprovado. Era uma mulher bonita. Os cabelos cor de mel eram de uma maciez que convidava ao toque, assim como a pele lisa e alva. Os olhos azuis eram emoldurados por cílios longos e espessos e os lábios eram cheios e tentadores. O corpo era delicado, mas curvilíneo. Um corpo moldado para o amor.

Sem que se desse conta, Roger deu um passo à frente. A respiração de Noelle se tornou mais acelerada. Os dois estavam tão próximos que chegavam a sentir o calor que vinha de seus corpos. Ele parou de sorrir. Os olhos mergulharam nos dela.

Era uma loucura, Noelle pensou, mas sua vontade era corresponder ao que quer que Roger lhe fizesse.

— Mamãe estou com sede — Dusty reclamou.

— Eu também — disse Danny.

Roger recuou abruptamente. Não sabia o que poderia ter acontecido não fosse a intervenção dos garotos. Devia-lhes um fresco, ao menos. Eles não sabiam, mas o haviam salvo de um grande embaraço.

Deu as mãos aos dois.

— Venha, mamãe. Vou pagar uma cerveja aos meus companheiros.

O fresco se tornou um lanche. E como não existe nada melhor do que uma refeição em comum para se aproximar pessoas, enquanto terminavam de comer os cachorros-quentes com batatas fritas e refrigerantes, os meninos estavam lhe contando uma porção de segredos.

— Nosso vizinho, o Sr. Rupert, prometeu que nos daria cinco dólares se convencêssemos a mamãe a sair com ele. Nós contamos a ela. Sabe o que respondeu? Que preferia se danar a sair com ele.

— Dusty!

— Sei que falei o que não devia, mas apenas repeti ao Roger o que você disse — Dusty protestou.

— Eu sei, mas tive de colocar uma moeda de vinte e cinco centavos dentro do cofre, de castigo. Se você repetir isso outra vez, também terá de pagar a multa.

Roger não resistiu a dar uma gargalhada.

— Sua mãe deve ter feito o maior depósito de sua vida hoje de manhã.

Dusty e Danny riram.

— Acho que o cofre ficou cheio — disse Dusty. — Acho que já dá para pagar as férias.

— Quer viajar de férias conosco? — indagou Danny, ansioso por obter sua quota de atenção.

Noelle mudou rapidamente o tema da conversa.

— Desculpe, mas como minha avó diria, os meninos tiveram um fraco por você. Na idade deles, não entendem a filosofia do "cada um na sua casa". — Para ser mais clara, Noelle se virou para os filhos. — Seremos apenas nós três nessas férias, ouviram?

— Sim — os dois responderam solenes.

Por alguma razão que Roger não saberia explicar, a certeza de que o ex-marido estava definitivamente fora da vida deles o agradou demais.

O trenzinho passou naquele instante e os meninos quiseram participar do safári. Antes que Noelle pudesse impedir, Roger se ofereceu para levá-los.

Subiram no veículo e sentaram-se no mesmo banco, com os meninos no meio.

— O que você faz? — Roger indagou enquanto passeavam.

— Sou subgerente de operações num banco.

— Não parece o seu tipo de profissão — Roger declarou com franqueza.

— Na verdade, não planejava fazer carreira num banco, nem em qualquer outro ramo, mas quando a indústria do petróleo foi atingida, eu arrumei um emprego de contadora para ajudar meu marido.

— Aí aprendeu a gostar da função e conseguiu ser promovida, certo?

— Errado. Eu subi por necessidade, não por gosto. Divorciei-me nesse período e o dinheiro me fez falta.

Como Roger já sabia sobre a falta de colaboração do ex-marido, apenas fez um sinal de assentimento.

Conforme o passeio progredia e a excitação dos meninos aumentava, os adultos tiveram de ceder seus lugares, onde a vista era melhor. A troca colocou Roger e Noelle lado a lado e isso o alegrou. Deveria ter voltado ao rancho há muito tempo, mas não sentia a menor vontade de colocar um fim naquele encontro inesperado e surpreendentemente agradável. Dezoito horas de trabalho por dia, sete dias por semana, não dava muita chance à diversão. Agora que experimentara esse sabor, não estava disposto a abandoná-lo.

Roger ficou impressionado com o amor e a paciência com que Noelle tratava os filhos. E os garotos, apesar de muito vivos e mimados, tinham um comportamento excelente. Não pôde evitar compará-los aos modos de seus sobrinhos. Talvez o divórcio não tivesse de resultar obrigatoriamente em crianças desajustadas.

Acima de tudo, Roger ficou impressionado com Noelle. Ela não era, definitivamente, o tipo de mulher que costumava lhe chamar a atenção. Em geral, só procurava as garotas que queriam se divertir, assim como ele. O tipo que não esperava muito e que não exigia nada. E como ele preferia jogar com as cartas sempre sobre a mesa, suas parceiras tinham de ser inteligentes o suficiente para saber que não deveriam lhe entregar o coração.

Era por isso que a atração que estava sentindo por Noelle o deixava tão inquieto. Ela era do tipo sério. Do tipo que exigia promessas que ele não poderia cumprir. Do tipo que queria garantias e que esperava muito de um homem. Não que não merecesse, é claro.

A pobre não podia imaginar o perigo que estava correndo. A única atitude que ele deveria tomar era se despedir antes que as coisas fossem mais longe.

O problema era que Roger, pela primeira vez, estava realmente interessado em conhecer uma mulher. Queria saber tudo sobre Noelle, compreender por que era tão diferente das outras mulheres que conhecera. O bom senso lhe dizia que estava cometendo um grande erro em prolongar o inevitável.

Apanhou Danny fitando-o com curiosidade.

— E um caubói de verdade?

— Sou.

— Monta cavalos? — Foi a vez de Dusty perguntar.

— Todos os dias. E meu ganha-pão. Sou treinador de cavalos.

— De que tamanho são os cavalos? — Danny indagou.

— Ora, todo o mundo sabe isso — Dusty se vangloriou. — Eles são muuuito grandes.

— Animais puros-sangues? — Noelle indagou a curiosidade vencendo-a.

— Cavalos de corrida.

Noelle suspirou. Mais um homem que vivia de sonhos. Já tivera um homem com futuro incerto. Não precisava de outro. O que ela queria era alguém que tivesse horas regulares de trabalho e que trouxesse para casa um salário garantido ao final de cada mês. Um homem que quisesse uma esposa no verdadeiro sentido da palavra. Alguém que usasse terno e gravata e que tivesse seu próprio carro. Que fosse estável. Não um homem que vivesse dentro de um estábulo.

Foi Danny quem fez a pergunta crucial.

— Você tem filhos?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

